



HOJE AINDA É PERMITIDO SER DOGMÁTICO? UMA ABORDAGEM SOBRE O SIGNIFICADO DE DOGMA E DOGMÁTICA NA ATUALIDADE¹

Eberhard Hahn²

I. INTRODUÇÃO

Para aproximar-se do tema, como ponto de partida, seja permitida uma *transição* (*metábasis*) – um *gênero* da caricatura um pouco distante para uma abordagem teológica. Charles Schulz, o agraciado desenhista, uma pessoa atrás da qual se esconde um teólogo, tomou posição em relação à nossa pergunta numa pequena seqüência de imagens ou figuras (*Bilderfolge*), à sua própria maneira:

Enquanto Snoppy, o cachorro, no telhado da sua cabana, está zelosamente ocupado com a máquina de escrever, chega Lucy para lhe carimbar uma sentença aniquiladora: “Tu nunca serás um bom teólogo”. Ao olhar interrogador do assim qualificado (Snoppy), a jovem dama (Lucy) acrescenta a fundamentação: “Tu és *dog-mático* demais”. Dog-mático demais! Ao riso sardônico que acompanha a sentença de Lucy, o indignado Snoppy responde com um ataque emocional veemente - enquanto ele lança uma máquina de escrever atrás dela, ouve-se dele “Eu odeio piadas assim”.

É verdade, o pobre cachorro, nesta cena, só tem que sofrer como dogmático, porque, na língua inglesa, sua caracterização de gênero é demasiadamente apropriada para o jogo de palavra com “dogmático”. Contudo, com isso Schulz expressa, de maneira precisa, aversões hoje

1 O presente artigo foi traduzido do alemão por Werner Wiese, co-editor de Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira. A revisão da tradução e a adequação das notas de rodapé foram feitas por Claus Schwambach. O artigo representa a versão modificada e ampliada pelo próprio autor da seguinte publicação: Eberhard HAHN. *Kann man heute noch dogmatisch sein?* In: Christian HERMANN (Ed.). *Wahrheit und Erfahrung. Themenbuch zur Systematischen Theologie*. Vol. 1. Wuppertal: R. Brockhaus 2004, p. 172-185.

2 Eberhard Hahn (Dr.; Dr. habil.), professor convidado de teologia sistemática na Faculdade Evangélica da Friedrich-Alexander Universität de Erlangen-Nürnberg, Alemanha. Atua hoje como assessor teológico do Gemeinschafts-Diakonissen-Mutterhaus Hensoltshöhe, em Gunzenhausen, Alemanha.

existentes em relação ao “dogmático”: “Quem é dogmático demais nunca se torna um bom teólogo!”. Além disso, aqui estão contidas, de forma concisa, veementes reações verbais e motoras frequentes em tais situações.

Para responder a pergunta contida neste tema, pretendemos buscar um esclarecimento dos seguintes âmbitos: o início aborda as “formas de recusa da dimensão do ‘dogmático’ (*des Dogmatischen*) e suas fundamentações”. Depois, seguem “indicações para a descrição do dogma e do dogmático”, antes de esboçar “a determinação reformatória do dogmático por meio de confissão de Cristo, palavra da Escritura, certeza da fé”. E, por fim, em termos de resultado, a “importância de dogma e dogmática”, na atualidade, deve ser considerada.

II. FORMAS DE RECUSA DA DIMENSÃO DO “DOGMÁTICO” E SUAS FUNDAMENTAÇÕES

Anos atrás, um político importante confessou num discurso público: “Sempre me esforcei para estar próximo das pessoas e distante dos dogmas”.³ Com isso ele expressou um contraste fundamental a partir do qual se abre uma postura difundida em relação ao que é dogmático: pessoas são diversificadas, vivas, coloridas; em contrapartida, dogmas caracterizam algo rígido, inflexível, biofóbico (inimigo à vida). Assim, Hans Küng denominou a Encíclica-Papal “*Ut unum sint*”, de 1995, de “dogmaticamente fria”, e Eugen Drewermann qualificou o novo Catecismo Católico para Adultos como fruto de “endurecimento dogmático de séculos”.⁴ Gerhard Sauter caracteriza a crítica ao dogmático com as palavras: “Como ‘dogmático’ é considerado aquilo que não tolera réplica, é inabalável, sim, mas também rígido e paralisante, sim, morto. ... ‘dogmático’ tem cheiro de uma mania de querer ter razão; no inglês, inclusive, é sinônimo de ‘arrogante’”.⁵

Juntando tudo isso, é possível formular: “Dogmático” descreve uma postura que se volta contra calor e vida, modernidade e abertura, aventura (experiência) e diversidade, flexibilidade e atualidade. Por isso, provavelmente, ninguém se caracterizaria como “dogmático”.

Nisso se observa que, na convivência humana, a aversão em relação ao dogmático é igualmente flanqueada com resistência maciça, a qual se quer fazer ouvir literariamente. Essa resistência, não raras vezes, volta-se contra “a igreja”, especialmente contra a Igreja Católica Romana como a

3 Cf. *Erwachsenenkatechismus* 28 (1995), 444.

5 Cf. Gerhard SAUTER. *Zugänge zur Dogmatik*. (UTB 2065). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1998, p. 46s.

suma de tudo que é rígido e estático. No nosso contexto, pode ficar fora de consideração que tais escritos provavelmente também surgiram a partir de decepções pessoais e amargura e que, daí, de muitas maneiras sejam questionáveis. Mais ou menos isso se pode depreender do título do livro “A fé falsificada – Uma consideração crítica de doutrinas eclesiais e seus panos de fundo”.⁶ Aqui se encontra um capítulo com o significativo título “Como se chegou aos dogmas e porque nem deveria ter-se chegado a tal ponto”. Depois seguem exposições sobre “O dogma da divindade de Cristo”, “Batismo, a Ceia do Senhor e arrependimento” (penitência), indo até o “dogma da infalibilidade do papa”. À vista dos desafios da pós-modernidade, numa outra publicação defende-se o *slogan*: “*Faith Without Dogma*”⁷ que, em última análise, deve ser realizado numa religiosidade universal mal definida. Em direção semelhante indica um escrito com o título: “*The Christian Conspiracy. How the Teachings of Christ have been altered by Christians*”.⁸ A partir da crítica à presumível falsificação da doutrina de Cristo por meio da igreja, também aqui se advoga a demanda de uma espiritualidade universal que se nutre das fontes das diversas religiões.

No entanto, também deve ser considerado que a crítica ao dogma e ao dogmático de forma alguma é um fenômeno somente dos nossos dias, mas também acompanha justamente a história da igreja e teologia evangélica há mais tempo. Nesse contexto, algumas poucas referências e recordações devem ser o suficiente.

No prefácio à sua exposição da vida de Jesus⁹, David Friedrich Strauß explica por que razão agora lhe parece ter chegado o tempo “de no lugar da forma supranatural antiquada e natural de considerar a história de Jesus, colocar uma nova”.¹⁰ “Por meio de estudos filosóficos” a “exigência básica de um tal trabalho” lhe tinha sido “incorporado” e, precisamente: “a libertação interior do sentimento e pensar de determinados pressupostos religiosos e dogmáticos”.¹¹ Contudo, com isso, para Strauss, a fé de forma alguma cai por terra, visto ele entender que o “o núcleo interior da fé cristã

6 Cf. Karlheinz DRESCHER. *Der gefälschte Glaube. Eine kritische Betrachtung kirchlicher Lehren und ihrer historischen Hintergründe*. München 1988.

7 Franco FERRAROTTI. *Faith without Dogma. The Place of Religion in Postmodern Societies*. New Brunswick/London 1993.

8 Cf. L. David MOORE. *The Christian conspiracy. How the teaching of Christ have been altered by Christians*. Atlanta 1994.

9 David F. STRAUSS. *Das Leben Jesu, kritisch bearbeitet*. Vol. I, Tübingen 1835; Vol. II, Tübingen 1836 (Reimpressão em Darmstadt 1969).

10 David F. STRAUSS, op. cit., Vol. I, p. III.

11 David F. STRAUSS, op. cit., Vol. I, p. VI.

... [seja] inteiramente independente de seus exames críticos”. A separação dos mencionados “pressupostos dogmáticos” agora causa uma distinção rigorosa entre “realidade histórica” e “verdade eterna”: “O nascimento sobrenatural de Cristo, seus milagres, sua ressurreição e ascensão permanecem verdades eternas por mais que sua realidade como fatos históricos possa ser posta em dúvida”.¹² De maneira notável, no fim da sua obra, i.é, “no final da crítica da história da vida de Jesus” se coloca para Strauss “a tarefa de reconstituir dogmaticamente o que foi criticamente destruído”.¹³ Com isso estamos diante da surpreendente constatação de que a emancipação do dogmático de forma alguma possibilita uma “postura a-dogmática”, mas impele diretamente para uma restituição do dogmático, agora sobre uma base modificada.

Ernst Troeltsch expressa com precisão o cerne da questão em seu artigo programático “Sobre método histórico e dogmático na teologia” (1898).¹⁴

O método dogmático é o (método) “velho”, “que parte de um ponto firme que está completamente livre da história e sua relatividade. Desse ponto de partida ela adquire incondicionalmente frases (proposições) seguras as quais, quando muito, só ulteriormente podem ser vinculadas com conhecimentos e opiniões do restante da vida humana. Esse método está a princípio e, de forma absoluta, contraposto ao método histórico”.¹⁵ Em contrapartida, o método histórico é o “novo” que vai agir como “um fermento que transforma tudo e, finalmente, despedaçará toda forma de métodos teológicos usados até aqui”.¹⁶ “Ele relativizará tudo e cada coisa”¹⁷, claro, não no sentido de um princípio de ceticismo, mas sim, na forma de que cada acontecimento da história, e com isso também da história bíblica, só pode ser interpretado a partir da correlação com todo o acontecimento restante e que, por isso, “cada formação de normas de valor não pode partir de um fato isolado, mas da visão de conjunto do todo”.¹⁸ A partir disso, para Troeltsch nasce a “idéia de uma teologia da história das religiões”. Essa teologia não conquistará necessariamente o cético

12 David F. STRAUSS, op. cit. Vol. I, p. VII.

13 David F. STRAUSS, op. cit., Vol. II p. 686.

14 Ernst TROELTSCH. *Über historische und dogmatische methode in der Theologie*“ (1898), in: Ernst TROELTSCH. *Zur religiösen Lage, Religionsphilosophie und Ethik*. Gesammelte Schriften – Vol. II. 2 ed. Tübingen 1922; reimpresso na obra de Gerhard SAUTER (Ed.). *Theologie als Wissenschaft*. (TB 43). München 1971, p. 105-127.

15 Ernst TROELTSCH, op. cit., p. 115.

16 Ernst TROELTSCH, op. cit., p. 106.

17 Ernst TROELTSCH, op. cit., p. 112.

18 Ernst TROELTSCH, op. cit., p. 112.

ou ateu, mas proporcionará ao teólogo “a satisfação da necessidade por consequência e unidade conceptual (de conceito)”.¹⁹ Com isso fica evidente que também o método histórico está comprometido com pressupostos fixos, que reivindicam caráter dogmático.

As diversas facetas do que foi constatado tornam o dilema para o teólogo dogmático imenso: ele deve exercer algo como tarefa vital que não só é tido como antiquado, mas ao mesmo tempo é qualificado como petrificado, marcado por uma subserviência autoritária, distante da vida ou mesmo biofóbico. A pergunta: “Hoje ainda é permitido ser dogmático?”, a princípio, parece dever ser respondida com um inequívoco “não”. Contudo, ao mesmo tempo percebe-se, de forma geral, que por detrás dessa crítica ao dogma tradicional, outras formas de normatizações vêm à tona e se tornam determinantes. Portanto, elas mesmas, por sua vez, portam o caráter do dogmático.

III. INDICAÇÕES PARA A DESCRIÇÃO DO DOGMA E DE DOGMÁTICO

Nos respectivos manuais e léxicos encontram-se artigos referentes ao termo “dogma”, “dogmática”, “história do dogma”, “crítica aos dogmas” ou “dogmatismo”. Todavia, procura-se em vão por uma exposição do que venha a ser essa dimensão do “dogmático”. Isso, primeiramente, não pode surpreender, pois, à primeira vista, o adjetivo “dogmático” (“*dogmatisch*”) parece deixar-se incorporar sem problemas no campo da palavra “dogma”. Agora, se nós lançarmos um olhar rápido sobre etimologia e emprego do termo “dogma”, então não se torna muito compreensível por qual razão, afinal, pode surgir uma tal agitação sobre aquilo que é dogmático; pois “dogma”, de forma alguma, é um termo inequívoco ou unilateralmente cunhado. Inclusive é possível constatar rapidamente que o significado de “dogmático” vai substancialmente para além da determinação difundida de “dogma” e que, visivelmente, por essa razão surgem, particularmente, campos de tensão, sim, devem surgir. A seguir algumas observações em relação a isso:

1. Questões relativas à etimologia de “dogma”

O substantivo δόγμα deriva da forma verbal τὰ δεδογμένα que pertence à família da palavra δοκεῖν.²⁰ Logo, dogma primeiro tem a ver com a opinião subjetiva, com a suposição individual, com o modo como

19 Ernst TROELTSCH, op. cit., p. 114.

20 Cf. Martin ELZE. Art. „Dogma“, in: HWP Vol. 2, p. 275.

alguma coisa me parece ser e que imagem eu faço daquela coisa. Nesse sentido, encontra-se uma passagem no diálogo *Sophistes* de Platão, no qual a uma determinada tese se contrapõe “a opinião e modo de falar comum”: trata-se de δόγμα e ῥήμα “dos muitos”²¹ que “são incapazes de prestar contas de forma razoável”.²²

Em contraste com isso, mais tarde δόγμα pode referir-se à opinião filosófica, ao teorema ou princípio concreto.²³ Depois disso, acresce-se o momento da conclusão (resolução) e sua publicação. Se uma opinião se tornou em δόγμα κοινόν, em “opinião unânime” do Estado, isso então é denominado “Lei”.²⁴ Exemplo: o que César Augusto deixa publicar conforme Lc 2.1 é um “dogma”, i.é, um edito publicamente apresentado.

2. Questões relativas ao uso eclesiástico de dogma

2.1. Dogma como totalidade da verdade revelada

No processo da recepção do termo “dogma” na igreja cristã, estas diversas nuances do termo podem ser averiguadas adiante: nos Pais Apostólicos os δόγματα de Jesus e dos apóstolos descrevem todo âmbito da existência cristã; por essa razão, as pessoas devem se firmar nesses dogmas.²⁵ Nesse contexto, as catequeses batismais de Cirilo de Jerusalém (por volta de 350): δόγμα εὐσεβές e πράξις ἀγαθή podem ser mencionadas: doutrina agradável a Deus e vida honesta são inseparáveis uma da outra.²⁶

2.2. Dogma como doutrina eclesiasticamente autorizada

Além disso, é possível observar a ênfase no caráter eclesiástico de “dogma”: frente a puras imaginações humanas, dogmas emergem do falar e ensinar de Deus;²⁷ dessa forma, as decisões dos primeiros quatro Concílios Ecumênicos como δόγματα podem ser colocadas ao lado das Sagradas Escrituras como equivalentes a elas.²⁸

21 Cf. PLATÃO, *Sophistes*, 265c.

22 Cf. Ulrich WICKERT, Art. „Dogma“, in: TRE Vol. 9, p. 26.

23 Cf. Gerhard KITTEL, Art. δόγμα, δογματίζω, in: ThWNT Vol. 2, p. 233.

24 Cf. PLATÃO, *Leges*, 644d.

25 Cf. INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta à Comunidade de Magnesia*, 13,1, apud: Ulrich WICKERT, op. cit., p. 27, nota 20; cf. Também EUSÉBIO DE CESARÉIA, *Kirchengeschicht*. Vol. 2, 13,3, apud: Ulrich WICKERT, op. cit., p. 27, nota 50.

26 CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses mystagogicae*, IV,2.

27 ATHENÁGORAS, *Supplicatio pro Christianis*, XI,1; , apud: Ulrich WICKERT, op. cit., p. 27, nota 38.

28 „Quatuor Synodorum dogmata sicut sanctas scripturas accipimus“: JUSTINIANO, *Novella 131 de ecclesiasticis titulis*; apud: Ulrich WICKERT, op. cit., p. 28, nota 11.

No século V, Vicente de Lerino une de forma acentuada autoridade eclesiástica e dogma: a Palavra de Deus, que pode ser mal interpretada de muitas maneiras, deve ser interpretada a partir da *regula fidei*. Nos termos dessa norma, é obrigatório aquilo que em todo lugar e que em todo tempo foi crido por todos.²⁹ Por isso, herege é aquele que quer introduzir inovações. Sim, a fé deve ser entendida sempre melhor; nesses termos, fala-se de um prosseguir (*profectus*), sem que por isso esteja incluída uma *permutatio* (do lat. transformação). Na igreja deve ser ensinada *nove* (lat.), porém não *nova* (lat.), isto é: de forma nova, mas nada de novo, no sentido de algo desviado da verdade da fé.³⁰

No combate contra a reforma luterana, essa versão de dogma adquire novamente importância; agora a função decisiva cabe à posição do papa: como *catholica veritas* (verdade católica) um *dogma fidei vel ecclesiae* (dogma da fé ou da igreja) sempre deve ter validade se foi declarado por um Concílio autorizado pelo papa ou então declarado pelo próprio *Summus Pontifex* (Sumo Pontífice).³¹ Essa linha é claramente reforçada através do Concílio Tridentino e do Concílio Vaticano I e determina, conchecidamente, de forma duradoura a compreensão de dogma na Igreja Católica Romana.

3. O dogmático como comprometimento subjetivo da consciência

Em relação à compreensão de dogma, que foi cunhada especialmente por meio da tradição católico-romana, a saber, como o arrolar de frases doutrinárias eclesiasticamente autorizadas, há um recuo de parte do significado do termo, que não obstante – como já foi constatado acima – está embutido nele: dogma como expressão do opinar humano e convicção subjetiva. Isso faz com que em nome de uma pretensa “postura não-dogmática”, dogmas possam ser combatidos e rejeitados veementemente, uma postura que, todavia, manifesta simultaneamente, de uma forma igualmente veemente, o caráter fundamental daquilo que é dogmático. Isso pode ser esclarecido a partir de dois exemplos:

Em seu breve artigo “dogma”, na primeira edição de RGG – *Religion in Geschichte und Gegenwart* [Léxico alemão] de 1910, Ernst
29 „*Quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est*“. VICENTE DE LERINO, *Commonitorium* 2; apud: Ulrich WICKERT, op. cit., p. 30, nota 5; Cf. também Martin ELZE, *Der Begriff des Dogmas in der Alten Kirche*, in: ZThK 61 (1964), p. 421-438, aqui p. 435.

30 Não dispensa uma certa ironia que, com isso, Vicente quer desqualificar a doutrina da graça e da predestinação de Agostinho como inovação e falsificação e procura, com isso, firmar a posição do Semipelagianismo.

31 Assim Melchior CANO, *De locis theologicis*, XII,5 e 6; apud: Ulrich WICKERT, op. cit., p. 30, nota 51; vgl. auch Georg SÖLL, *Dogma und Dogmenentwicklung*, in: HDG I/5, 1971.

Troeltsch julga: “Para o *protestantismo moderno*... não existe mais d.[ogma] no sentido próprio, mas apenas representações de fé de mobilidade livre-imaginária, cujo conteúdo racional e geral é definido a partir da doutrina (*Glaubenslehre*) científica e regulada por meio dela. Nisso também está fundamentada a extraordinária diversidade das doutrinas protestantes que hoje não são ligadas entre si por um d.[ogma] comum, mas apenas por uma postura de base prático-religiosa. Essa postura de base é mais forte e uniforme do que se devesse imaginar nesta imensurável diversidade da construção teórica doutrinária”.³² Como Troeltsch limita o termo “dogma” a “doutrinas determinadas pela igreja”, mas exclui as mesmas para o protestantismo moderno, ele, até certo ponto, acaba caracterizando o protestantismo moderno como sendo um “espaço livre de dogma”. Mas, apesar disso, temos que constatar que ele conhece “representações de fé bem flexíveis” que, ainda assim, exercem uma força unificadora e comprometedora [tal qual a do dogma].

Um outro exemplo evidencia que a recusa do dogma tradicional condiciona direta e forçosamente a introdução de novas normas subjetivamente produzidas e, com isso, “dogmas” em termos do “imaginar humano”. Numa obra em relação ao culto evangélico, Theophil Müller se ocupa com o tema “Ceia do Senhor” e “celebração da Ceia”.³³ Em primeiro lugar, ele resume o resultado neotestamentário na afirmação “que a busca por uma resposta uniforme em relação à pergunta normativa [sc. em relação à interpretação obrigatória da Ceia do Senhor] é em vão”.³⁴ É verdade, o autor fala freqüentemente de “norma”/“normatividade”/“normatização”.³⁵ Contudo, em relação à Ceia do Senhor, tal norma geralmente é recusada por este autor: “Em todos os casos, não é possível não ver que pode haver uma distância relativamente grande entre a normatividade dogmático-elesiástica e da experiência real dos participantes potenciais e atuais”.³⁶ Dependendo do contexto, para o caso da Ceia do Senhor, as interpretações novas podem “ser ‘corretas’, contanto que elas – para mim isso é norma única – expressem o significado de Jesus de Nazaré como o que traz a salvação e, dessa forma, (o) ‘atualizem’ (*Vergegenwärtigen*)”. Daqui Müller, contudo, deriva normas próprias: “Eu mesmo não posso

32 Cf. RGG II, 106.

33 Theophil MÜLLER. *Evangelischer Gottesdienst. Liturgische Vielfalt im religiösen und gesellschaftlichen Umfeld*. Stuttgart e outros locais 1993, p. 88-107.

34 Theophil MÜLLER. *Evangelischer Gottesdienst*, p. 92.

35 Temos várias passagens: Theophil MÜLLER. *Evangelischer Gottesdienst*, p. 91, 92, 93, 95.

36 Theophil MÜLLER. *Evangelischer Gottesdienst*, p. 92.

[i. é, sob condição de uma ‘realidade objetiva’ da Ceia do Senhor – EH³⁷] pensar e crer assim, e eu sei que isso acontece com muitas pessoas de hoje”. “Aqui eu sigo o meu próprio caminho”. *Este caminho substitui, dessa forma, a normatividade da doutrina eclesiástica por meio daquela da experiência comunitária*: “O certo, então, não pode mais significar antes de tudo: assim como a igreja o prescreve, mas também: o certo segundo a medida das experiências que as comunidades fazem em relação a esse assunto. Perguntas básicas legítimas são, então, mais ou menos: ‘A Ceia do Senhor causa alegria? Pessoas vivenciam comunhão? Pessoas tornam-se abertas para o mundo no que diz respeito ao ‘reino de Deus’?’. Com isso são mencionados, também para Müller, os aspectos essenciais da Ceia do Senhor: “comunhão entre pessoas”³⁸, recusa da “concentração” na morte salvífica de Cristo: “Eu mesmo não consigo acompanhar o raciocínio da interpretação tradicional da morte de Jesus como sacrifício expiatório substituto”³⁹; epiclese⁴⁰ como atualização do fato de “que o Senhor ressurreto vive como comunidade, que sua causa continua sendo ativa, seu movimento de libertação vive”⁴¹. Ceia do Senhor como alívio: “No culto... pessoas podem experimentar como elas encontram descanso, também se tornar livres do peso de serem culpadas, experimentar reconciliação, também de ‘estar em ordem com Deus’”⁴².

Nessa abordagem de um assunto tanto dogmática quanto liturgicamente importante, torna-se exemplarmente *perceptível como a revogação da norma da Sagrada Escritura conduz a novas normatizações*. Estas são fundamentadas de maneira empírica difusa (“muitas pessoas de hoje”) ou de maneira puramente subjetiva (“eu mesmo não posso...”; “aqui eu sigo...”), mas para isso não são menos dogmáticas e, em última instância, não podem ser questionadas. Por um lado, um exemplo assim elucidado de maneira impressionante a essência do que é dogmático e, ao mesmo tempo, torna conhecida a urgente necessidade de sua fundamentação por um critério apropriado (objetivo).

As referências analisadas para a descrição do dogma e do dogmático

37 Nota do Tradutor: Trata-se de uma observação do próprio autor, Eberhard Hahn.

38 „ Por essa razão, no Ocidente a vida em comunhão que acontece na Santa Ceia está muito mais vinculada às refeições messiânicas de Jesus, ou em todos à visão futura do Reino de Deus, do que com a morte de Jesus como sacrifício expiatório pelos nossos pecados,, (Theophil MÜLLER. *Evangelischer Gottesdienst*, p. 97).

39 Theophil MÜLLER. *Evangelischer Gottesdienst*, p. 98.

40 Nota do Tradutor: Na igreja antiga, *epiclese* era a invocação do Espírito Santo por ocasião da Celebração da Ceia do Senhor.

41 Theophil MÜLLER. *Evangelischer Gottesdienst*, p. 101.

42 Theophil MÜLLER. *Evangelischer Gottesdienst*, p. 101.

podem ser resumidas da seguinte forma: na linha de frente está a interpretação do dogma e do dogmático no sentido autoritário, especialmente como doutrina eclesiasticamente legitimada. A isso se anexa uma componente social e coletiva de “dogma”: o fato de serem determinadas (*Prägung*) por um determinado dogma une pessoas da mesma maneira como elas são separadas umas das outras por dogmas conflitantes entre si. Com isso, finalmente, avista-se a significação do que vem a ser o dogmático no sentido do comprometimento subjetivo da consciência do indivíduo (cf. o termo técnico alemão: *subjektive Bewusstseinsbindung des einzelnen*). É primeiro a consideração dessa esfera que torna compreensível porque afinal as discussões sobre fundamentos contrários uns aos outros se deslocam tão rapidamente para o setor emocional. Isso é assim porque *o que é dogmático abrange a pessoa como um todo*. Nesse sentido, em última análise, não importa se nos respectivos “dogmas” se trata de dogmas no sentido mais restrito da palavra, i.é, de dogmas eclesiásticos ou de conceitos subjetivos que determinam a consciência e a conduta de uma pessoa, também quando eles não são nem reais e nem verdadeiros. “Pois decisivo não é o que é real, mas o que tem efeito”.⁴³ Isso significa, dando continuidade a essa linha de pensamento, que aquilo que é dogmático não pode ser eliminado pelo fato de nós o aplicarmos “aos outros” e, ao mesmo tempo, reivindicar para nós mesmos uma atitude “não-dogmática”, “tolerante” ou “flexível”. Por trás das mais variadas nomenclaturas se revela, muito mais, o constante retorno do velho fenômeno de dogmas em conflitos, ou, assim poderíamos dizer, do *conflito de dogmas* (*Dogmenkonflikt*). Sobre que base e a partir de quais critérios um conflito desse tipo – um conflito de dogmas – deve ser decidido no interior da comunidade cristã – isso será abordado na parte IV, que segue.

IV. A DETERMINAÇÃO REFORMATÓRIA DO QUE É DOGMÁTICO POR MEIO DA CONFISSÃO DE CRISTO, DA PALAVRA DA ESCRITURA E DA CERTEZA DE FÉ

À vista do fato de que no âmbito das igrejas reformatórias um dogma que aparece na forma de uma decisão papal *ex cathedra* e, por

43 Alem.: „Entscheidend ist also nicht, was wirklich ist, sondern was wirkt“. Assim Reinhard SLENCZKA. *Kirchliche Entscheidung in theologischer Verantwortung. Grundlagen – Kriterien – Grenzen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1991, p. 67. Para essa questão, cf. todo o capítulo 4 de Slenczka „Der Glaube und das Dogma“ (A fé e o dogma, p. 63ss.), bem como o excurso II „Das Dogma und das Dogmatische“ (O dogma e aquilo que é dogmático, p. 272ss).

consequente, de uma determinação doutrinária a ser crida, não ser possível, Troeltsch pôde constatar no artigo já mencionado: “Neste sentido, o *velho Protestantismo* não **tem** dogma”.⁴⁴ Com essa afirmação, entretanto, o questionamento fundamental de forma alguma já está esclarecido para nós hoje; antes, a partir da falta de uma definição conclusiva se explica, justamente, uma “insegurança na compreensão do termo d.[ogma] ... em quase todos os projetos dogmáticos” da teologia dos nossos dias, como o constata Gerhard Gloege.⁴⁵

A teologia reformatória efetuou uma recepção explícita dos dogmas da Igreja Antiga e destacou propositalmente essa concordância com a igreja papal.⁴⁶ Com isso, contudo, ela não assumiu afirmações doutrinárias (*Lehrsätze*) do passado simplesmente por causa da autoridade de decisões conciliares. Textos antigos, incluindo os muito valorizados e respeitados, também sempre foram examinados no que dizia respeito à sua *conformidade com a Escritura*, podendo ser, eventualmente, até mesmo rejeitados.⁴⁷ Pois dogma não era entendido como parte de um cânone de doutrinas para serem cridas; muito antes, o dogma apontava para nada diferente do que para o objeto da teologia, que na Escritura vem à luz do dia, ou seja, apontava para o ser humano culpado e perdido e para o Deus justificador ou salvador.⁴⁸ Com isso, à igreja é destinado um espaço claramente esboçado com relação à Sagrada Escritura, o qual M. Lutero descreve assim: “(1.) a igreja cristã não tem poder para definir qualquer artigo de fé, ela também nunca o fez, também nunca mais o fará ... (3.) Todos os artigos da fé estão suficientemente fixados na Sagrada Escritura, de maneira que nenhum mais precisa ser fixado”. A igreja cristã não é nenhum “juiz ou soberano” para confirmar artigos da fé ou a Sagrada Escritura. “(6.) Mas, inversamente, isto sim, a igreja cristã é confirmada pelo Evangelho e pela Sagrada Escritura, como se estes fossem seu juiz e soberano. (7.) A igreja cristã confirma o Evangelho e a Sagrada Escritura como um subordinado, os testemunha e confessa assim como um empregado confessa a marca e o distintivo de seu Senhor”.⁴⁹

44 Ernst TROELTSCH, op. cit., p. 105.

45 G. GLOEGE. Art. „Dogma, II. Christliches Dogma“, in: RGG 3. ed. Vol. 2, p. 223.

46 Cf. Martin LUTHER. *Schmalkaldische Artikel*, Art. 1, in: BSLK, p. 414f.

47 Por exemplo, a decisão do 2. Concílio de Nicéia (787 d.C.) sobre a adoração de imagens ou a doutrina da transubstanciação, de 1215; cf. Gerhard SAUTER, op. cit., p. 51.

48 Martin LUTHER, WA 40 II, 328, 1f.: „Subiectum theologiae homo reus et perditus et deus iustificans vel salvator.“

49 Martin LUTHER. *Artikel wider die ganze Satansschule und alle Pforten der Hölle (Propositiones adversus totam synagogam Sathanae et universas portas inferorum)* – 1530, in: WA 30 II, 424); citado conforme Kurt ALAND. *Luther Deutsch*. Vol. 4. 3. ed. Göttingen 1983, p. 304; Cf. também FC [Fórmula de Concórdia], Epi[tome], Von dem summarischen

Em decorrência disso, todo o âmbito do dogmático é menos marcado pelo termo “dogma” e mais pela família das palavras “confissão”, “doutrina”, “fé”, “artigo de fé”.⁵⁰ Aqui se trata do enraizamento (*Verwurzelung*) da existência cristã e da marca (*Prägung*) da consciência e da conduta.⁵¹ Objetivamente dogma e fé não se deixam separar; ao contrário, pertencem estreitamente um ao outro.⁵² Como fé *num só* Senhor Jesus Cristo, em meio à mudança dos tempos e circunstâncias, o dogma é, por assim dizer, sempre *um só* (Ef 4.5); ele [o dogma] é imutável, pois se dirige àquele que é o mesmo ontem, hoje e eternamente (Hb 13.8), que com isso forma *um só* fundamento, o qual já foi posto (1Co 3.11). A fé surge a partir da proclamação da Palavra que, como Palavra deste *um* Senhor, também é a mesma ao longo dos tempos. Por isso mesmo a função do dogma da igreja antiga como ὄρος πίστεως, como linha divisória da fé, aparece claramente no campo visual. Tudo depende do fato se aqui ecoa Palavra de Deus ou palavra humana. Visto dessa maneira, na mudança da história não podem e não devem ser desenvolvidos novos dogmas; antes é assim que o *único e mesmo dogma deve ser enfatizado e preservado diante de todas as inovações heréticas*.⁵³ O que liga proclamação (pregação), fé e dogma entre si “é a identidade pneumática tal qual esta se evidencia na confissão, no culto e daí, sem dúvida, também em delimitações e decisões necessárias e que se referem aos mesmos”.⁵⁴

Esta relação do dogma assim definido em sua relação com a fé e a confissão, Lutero traz à tona em sua disputa com Erasmo no escrito “*De servo arbitrio*”. Lá ele usa o termo paralelo a dogma, a saber, “*assertio*” (asserção), que ele define da seguinte maneira: *assertio* significa “apegar-se constantemente a algo, afirmar, confessar, guardar e nisso permanecer invencível”.⁵⁵ Nisso, o cristão não se apega de forma coagida às *assertiones*

Begriff 8, in: BSLK 769.

50 Cf. Albrecht PETERS. Art. „Dogma“, In: EKL. 3. ed. Vol 1. Göttingen 1986, p. 889.

51 N.T.: Ou seja, dogma é aquilo, no que a consciência está arraigada e aquilo que impregna a consciência e a conduta.

52 Cf. Reinhard SLENCZKA, op. cit., p. 68.

53 Essa afirmação é, por isso, também válida para a história do dogma: „Todas as grandes decisões normativas ... não surgiram a partir de incisão progressiva do desenvolvimento, mas, pelo contrário, exatamente por meio de incisão para trás, i.é, como ruptura em direção à origem histórica do cristianismo. A progressão decisiva da fé cristã sempre consistiu na regressão a Cristo.“ Assim Karlmann BEYSCHLAG. *Grundriß der Dogmengeschichte*. Vol. 1. 2. ed. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft 1988, p. 56; cf. também Wilfried JOEST. *Fundamentaltheologie*. 3. ed. (ThW 11). Stuttgart: Kohlhammer e.o. 1988, p. 189.

54 Reinhard SLENCZKA, op. cit., p. 70.

55 Martin LUTHER. *De servo arbitrio*, in: WA 18, 603: “*constanter adherere, affirmare, confiteri, tueri atque invictum perseverare*”.

(asserções) da fé cristã, mas com alegria e de coração. Lutero pôde exclaimar: “*Tolle assertiones, et Christianismum tulisti*”.⁵⁶ A teimosia (cf. *as pertinaciores assertores*⁵⁷) dos que crêem, entretanto, não nasce da sua própria constância. Ela é, muito antes, dádiva e efeito do Espírito Santo; pois: “o Espírito Santo lhes é dado do céu para que ele transfigure e confesse a Cristo até a morte”.⁵⁸ Não é sem motivo que, nesse contexto, Lutero mencione Rm 10.9ss como prova para tal assertio no sentido da confissão inteiramente certa: “Se nós cremos de coração, então seremos justificados; e confessarmos com a boca, então somos salvos. Tal certeza dada por meio do Espírito é de maior peso do que toda forma de experiência humana, do que tudo que a vida como um todo tem a oferecer como fundamentação: ‘*Spiritus Sanctus non est scepticus, nec dubia aut opiniones in cordibus nostris scripsit, sed assertiones ipsa vita et omnio et experientia certiores et firmiores*’”.⁵⁹

Na definição especificamente reformatória do dogmático se fundem, assim, os seguintes elementos: na proclamação do Evangelho – a partir da Palavra de Deus da Sagrada Escritura – ao ouvinte é viabilizada a fé em Cristo. Por meio disso lhe são abertos coração, olhos e boca para a confissão. A confissão, por sua vez, nada diferente é do que a própria certeza da fé gravada (imprimida) pelo Espírito Santo. Esta, por isso, também, não constitui um acontecimento místico, mas se externa na forma de *assertiones*, de afirmações comprometedoras. Onde quer que surjam outras autoridades em concorrência a estes *articulus fidei*, a este Evangelho, a este Cristo, ali deve surgir um conflito que se apresenta como *conflito de dogmas antagônicos*. Desse conflito, não por último, “De servo arbítrio” dá, de forma eloqüente, testemunho diversificado. Isso ocorre justamente ali onde Lutero aponta para o fato de que, nesse caso, para ele, trata-se de uma “questão tão séria e necessária, sim, eterna”⁶⁰ que ela deve ser indubitavelmente comprovada, sob risco de vida, e que também deve ser defendida “mesmo se o mundo inteiro não só estivesse em combate e entrasse em confusão, mas também mergulhasse num único caos e fosse

56 Martin LUTHER. *De servo arbitrio*, in: WA 18, 603 – trad.: “retire as asserções e terá derrubado o cristianismo”.

57 Martin LUTHER. *De servo arbitrio*, in: WA 18, 603.

58 „Quin spiritus sanctus de coelo illis datur, ut clarificet Christum et confiteatur usque ad mortem“. Martin LUTHER. *De servo arbitrio*, in: WA 18, 603.

59 Martin LUTHER. *De servo arbitrio*, in: WA 18, 605 – trad.: “O Espírito Santo não é um cético, ele não escreveu coisas dúbias ou opiniões em nossos corações, mas sim, confissões, que são mais certas e fortes do que a própria vida e toda e qualquer experiência”.

60 Martin LUTHER. *De servo arbitrio*, in: WA 18, 625 – “*rem seriam et necessariam, aeternamque*”.

inteiramente às ruínas”.⁶¹

V. RESULTADO: QUESTÕES RELATIVAS AO SIGNIFICADO DO DOGMA E DA DOGMÁTICA NOS NOSSOS DIAS

Chegamos à conclusão que o âmbito do dogmático vai muito além daquilo que uma compreensão reduzida de “dogma” ou “dogmática” presume, a saber, a doutrina e artigo de fé eclesiasticamente autorizado e a ocupação científica com o mesmo. Albrecht Peters procura fazer jus à questão ao fazer a pergunta central para a formulação de “dogma”: “Como nós encontramos aquilo que, em concordância com os pais e mães antes de nós e os irmãos ao nosso lado, pode ser hoje testemunhado diante de Deus e do mundo na luta que há entre fé e incredulidade?”.⁶²

Dogma, assim, abrange o testemunho da fé como glorificação do trino Deus e como confissão em relação aos contemporâneos. Essa confissão também deve ser dada em vista das tarefas da comunidade e dos desafios colocados pelo meio ambiente na atualidade.

Hans Joachim Iwand descreveu exatamente esse empenho compensador no trato com o dogma à vista da sua importância para o “ser humano moderno”.⁶³ “O dogma mesmo”, diz Iwand, “não quer fazer nada diferente... do que fazer este livro (o Novo Testamento) legível (*lesbar*). ... [O dogma] nos interdita todos os caminhos de desvio diante do centro, em direção ao qual devemos ser conduzidos ao lermos este livro”.⁶⁴ Por isso, o dogma inculca também à igreja “que ela não ensine a partir do que é dela mesma, mas que seu dever resida no testemunho da revelação do Deus vivo, que ela mostre que para o mundo só existe uma boa nova de fato, se esta mensagem vier do próprio Deus, ou seja, do Deus que em Jesus Cristo falou sua Palavra a nós e sobre nós”.⁶⁵ Este Deus fala para dentro da atualidade concreta, por isso “o ser humano moderno []” tem “um direito de o dogma lhe ser proclamado de tal maneira que este lhe sirva como auxílio, como recordação e esperança de novos reconhecimentos e de nova e vigorosa fé. Pois o ouvinte deve compreender que, quando o dogma lhe é exposto, trata-se da verdade”.⁶⁶ Caso isso for menosprezado, e o dogma for imposto às pessoas como a essência obrigatória daquilo

61 Martin LUTHER. *De servo arbitrio*, in: WA 18, 625.

62 Albrecht PETERS, op. cit., p. 890.

63 Hans Joachim IWAND. *Der moderne Mensch und das Dogma*, in: NW 2 (Helmuth Gollwitzer et. al. – Eds.). München 1966, p. 91-105.

64 Hans Joachim IWAND. *Der moderne Mensch und das Dogma*, p. 95s.

65 Hans Joachim IWAND. *Der moderne Mensch und das Dogma*, p. 97.

66 Hans Joachim IWAND. *Der moderne Mensch und das Dogma*, p. 98.

que deve ser crido, então isso leva a uma grave deturpação: “É assustador quando se vê um tal esqueleto dogmático no púlpito, que dá estalos tão horripilantes, como se a própria morte estivesse naquele lugar, no qual, por direito, a palavra da vida devesse ressoar”.⁶⁷ Isso, contudo, não significa jogar fora o esforço em torno do dogma como pretendo lastro para que se possa caminhar menos carregado por entre os tormentos. Pois: “tornou-se claro que justamente dessa maneira ela [sc. a igreja] perdeu a profundidade (*Tiefgang*), o peso que ela precisa ter; com isso, ela tornou-se, muito mais do que em épocas passadas, um mero juguete nas mãos de seu tempo/de sua própria época”.⁶⁸

Por causa do exposto, compete-nos, portanto, dar importância ao dogma e à dogmática – na atualidade, da mesma forma como em qualquer passado precedente. A dogmática é uma atividade; ela tem de identificar teologicamente fatos e, com isso, fornecer a base para um juízo ou julgamento teológicos.⁶⁹ O juízo teológico visa a separação entre Deus e os deuses; refere-se àquilo em que o coração humano está preso, naquilo que ele (o ser humano) confia e aquilo que ele teme. O dogma aponta para o Cristo, para a fé nele, para a palavra da Sagrada Escritura, por meio da qual este Cristo toma a palavra. Por estar relacionado a esta “externidade”⁷⁰ do falar de Deus, o dogma necessariamente deverá ser algo escandaloso para aqueles “que são da terra”, como Jesus o diz em Jo 3.31. Esse escândalo, porém, não é temporalmente condicionado, mas sim, condicionado pela causa em si. “Por esse motivo, pode ser que exista um escândalo, um motivo de tropeço no dogma, que não está relacionado com o fato de que o mundo intelectual e cultural dos nossos dias tenha-se transformado significativamente em relação à maneira de pensar da Antiguidade. Pode ser que exista... um escândalo constante, permanente, cuja superação não está em nossa mão”.⁷¹

VI. CONCLUSÃO

“Hoje ainda é permitido ser dogmático?”. Por trás dessa interrogação, que se refere a um modo de falar corrente, descortina-se um duplo equívoco de avaliação:

Tanto a locução temporal “hoje ainda” como também o verbo

67 Hans Joachim IWAND. *Der moderne Mensch und das Dogma*, p. 98.

68 Hans Joachim IWAND. *Der moderne Mensch und das Dogma*, p. 93.

69 Gerhard SAUTER, op. cit., p. 355.

70 Gerhard SAUTER, op. cit., p. 27 e outras.

71 Hans Joachim IWAND. *Der moderne Mensch und das Dogma*, p. 92f.

modal “permitir” sugerem a idéia de que em tempos idos o dogmático pudesse ter sido “mais apresentável”, mais aceitável, mas que hoje, contudo, ele devesse ser substituído por uma postura não-dogmática. Em relação a isso se pôde constatar que esse dado não confere. Antes, pelo contrário, a relativização de tudo o que é evento se evidencia como um “dogma” que se impõe de forma ampla hoje. Esse tipo de compreensão se apresenta em forte tensão em relação confissão que glorifica o trino Deus, que se revela em meio a todos os tempos como aquele que é o Eterno (Sl 103.17; Rm 9.5; Ap 11.15 e o.).

Em lugar de uma mera recusa superficial do que é dogmático (inclusive da crítica ao dogma e à dogmática) deve ocorrer um levantamento da sua essência e um esclarecimento de suas respectivas bases e critérios. A esse fato também está ligada a necessidade de avaliar a adequação (*Sachgemässheit*) dos respectivos dogmas que vão despontando, os quais precisam ser examinados quanto à sua qualidade como dogma cristão. Ora, exatamente neste lugar a teologia evangélica deve se mostrar como estando cativa – e isso para além de todas diferenças superficiais existentes entre as opiniões das diferentes escolas teológicas. Pois para ela um dogma só então deveria ser verdadeiro se por meio dele a pessoa que crê com base na Sagrada Escritura é comprometida com o Cristo presente, mediante a força do Espírito Santo. Entendido assim, a qualidade da *assertio* é própria do dogma – e isso em contraste à ou também muito além de toda experiência. O dogma conecta a pessoa através de uma certeza definitiva ao próprio Senhor da igreja. Ao mesmo tempo, ele a une para além dos tempos e regiões com “toda a cristandade na terra” e, com isso, revela também a diferença fundamental em relação a todos os vínculos de outra natureza e caráter. Por essa razão, a pergunta feita na formulação do tema deste artigo pode ser assim respondida: não qualquer um, mas cada cristão como indivíduo, bem como a igreja cristã como um todo, hoje como em qualquer outro tempo, têm de fazer jus à sua responsabilidade dogmática no sentido de que confessem de maneira inequívoca e clara o que é a “verdade do Evangelho”(Gl 2.5), o que, pois, representa seu único consolo na vida e na morte.